

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ROSANE MENDONÇA RODRIGUES

**MARIA MADALENA ANTUNES PEREIRA:
UMA HISTÓRIA A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA MULHER**

1958

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela professora Denise Mattos Monteiro, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do professor Dr. Helder Viana do Nascimento.

NATAL - RN
2004.2

ROSANE MENDONÇA RODRIGUES

**MARIA MADALENA ANTUNES PEREIRA:
UMA HISTÓRIA A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA MULHER**

**NATAL - RN
2004.2**

Agradeço aos meus filhos Renato, Ronaldo Filho, Renan e Raíssa, luzes em meu caminho. A minha mãe Rejane Mendonça, minha primeira historiadora e com quem divido alegrias e tristezas. Especialmente ao meu marido Ronaldo Marques Rodrigues pelo incentivo, compreensão e amor, que são fontes de água viva na minha trajetória profissional.

Outro reconhecimento especial ao professor e orientador Dr. Helder Viana do Nascimento que, diante de tantas responsabilidades, aceitou a orientação desse estudo. Muito Obrigada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. ESCRITORAS E JORNAIS	11
1.1. Das publicações e pensamento do mundo feminino	13
1.2. Da revista Via Láctea	14
1.3. Nasce uma nova escritora	15
2. AS MEMÓRIAS DE UMA SINHÁ MOÇA	18
2.1. Da cana-de-açúcar ao algodão	19
2.2. Escravo e mulher: um sonho de liberdade	22
2.3. Da educação e conquistas das mulheres	24
3. ENTRE O LEMBRADO E O ESQUECIDO	28
3.1 Da publicação do livro	31
4. CONSIDERAÇÕES	33
5. Bibliografia	34

INTRODUÇÃO

No Brasil, o Período Republicano foi marcado por uma série de processos que foram desencadeados a partir da proclamação, tais como: os primeiros indícios do movimento sufragista, a reforma escolar, mais adiante a criação da Fundação de Saúde e das primeiras Universidades, a conquista do divórcio e a emergência do cinema, que estiveram de alguma forma associados à paridade social e política dos sexos.

Um dos episódios que marcou aquela fase, em 1899, foi a publicação de *Mulheres Ilustres do Brasil*, de Inês Sabino Maia. A autora, que pertencia à alta burguesia, havia completado parte dos seus estudos na Europa, onde estudou filosofia alemã com o crítico literário Tobias Barreto, responsável por sua educação científica e literária. Segundo ela, seria a publicação dessa obra “um primeiro esforço com o objetivo de tirar as mulheres da ‘barbárie do esquecimento’”¹. Entretanto, o esforço de Inês Maria, assim como de outras autoras do período, demoraria muito a se concretizar na sua plenitude, tendo em vista a falta de apoio, não somente da sociedade conservadora e machista, como também de grande parte das mulheres, que não tinham coragem de romper com as barreiras dos preconceitos existentes. Assim, é possível compreender, pelo menos a nível de Rio Grande do Norte, que, no levantamento da história realizada por Rômulo Wanderley² no seu livro *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense*, as autoras norte-rio-grandenses ficassem à margem.

O aumento do interesse pelo mundo feminino nos últimos vinte anos fez com que diversas pesquisas surgissem, procurando compreender como a mulher do passado dispunha de meios para expressar suas idéias e seus sentimentos. Nesse sentido, uma série de coletâneas literárias e ensaios femininos foram produzidos e compilados, com o propósito de tornar evidente, através dos mesmos, as necessidades dos avanços a que se propunham e como lidavam com as transformações ocorridas, as quais refletiriam no comportamento das mulheres.

O presente trabalho está inserido nesse contexto, dentro das preocupações da história social, sobretudo da história das mulheres. Ao tomarmos o universo feminino e,

¹ARAÚJO, Lúcia Nascimento. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro. ROCCO. 1992. Disponível em : www.ufrj.br/pacc/literatura/INTRODIC.html. Acesso em: 20, setembro, 2004.

² WANDERLEY, Rômulo C. *Panorama da poesia Norte Rio Grandense*. Rio de Janeiro. Edições do Val. 1965. p. XIV.

possibilita perceber mudanças que consideramos importantes e que ocorreram em um período relativamente breve, mas não menos marcado por transformações significativas. Aqui ressaltamos que escolhemos como periodização para este trabalho as décadas de 1930 a 1950. Num primeiro momento, foi em 1930 que ela se mudou para Natal e essa década é considerada como um momento histórico singular no universo feminino, por vários fatores: a temporada literária em Natal, o voto feminino, a Intentona Comunista de 1935. Num segundo, consideramos que o pós - 45, com as várias mudanças políticas, econômicas e sociais oriundas da participação de Natal na Segunda Guerra Mundial, associado ao avanço da literatura feminina, impulsionou aquilo que mais tarde resultaria, para Madalena, na publicação de seu livro de memórias.

Esse imbricamento envolvendo história e memória nos fez despertar o esforço em avançar nos estudos que se direcionam à temática da memória feminina, isso associado ao fato de observamos uma escassez nesse campo de estudo, mesmo conhecendo o número significativo de pesquisas sobre o gênero, inclusive na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, através do Núcleo Nísia Floresta de Estudos e Pesquisas sobre a mulher e Relações de Gênero - NEPAM. Infelizmente, somos conhecedores de que discussões inseridas numa perspectiva teórica e empírica ainda hoje são objeto de estudo de um "círculo privilegiado" da pesquisa acadêmica, principalmente nos núcleos de estudos e pesquisas voltados para a apreensão e discussão da problemática feminina e feminista, o que de certa maneira causa grande dificuldade de interação entre as áreas, restringindo aos interessados a possibilidade do crescimento na pesquisa.

Nos levantamentos feitos no Núcleo de Estudos Históricos - NEH da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, percebemos uma lacuna de monografias que tratem da memória feminina, o que nos reforça o comentário exposto anteriormente acerca da falta de intercâmbio entre as áreas, haja visto ser o referido tema mais pesquisado pelas Ciências Sociais. A existência desta lacuna foi também um quesito levado em consideração, especificamente, somado ao fato de ser a publicação de um livro de memórias femininas um acontecimento pioneiro no Rio Grande do Norte.

Para este trabalho, a premissa proposta na metodologia utilizada é uma (re)leitura de estudos dirigidos para os espaços e avanços conquistados pelas mulheres, em que são autores: June Hanner, Maria Arisnete Câmara de Moraes, Ôtemia Porpino Gomes, Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo, Helena Morley,

→ Não há info.

- Avanços das mulheres?

Q.
E. Proprietas
"pac-145"
- toda lógica

pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, entre outros. A problemática a ser analisada é a construção da memória feminina, inserindo-a nos avanços percorridos pelas mulheres na busca de sua emancipação. Como espaço de expressão acadêmica, tentaremos abordar determinadas especificidades presentes nos escritos de *Madalena Antunes Pereira* como por exemplo: a sua relação com as diferentes classes sociais, com a política, com a economia e as diversas transformações sofridas no seu universo.

Portanto, a nossa proposta é propiciar uma reflexão do cotidiano dessa mulher que pensava, vivia e percebia as transformações sociais ao seu redor e que, ao mesmo tempo em que tentou resguardar determinados valores dentro de si, não se negou ao aprendizado que lhe foi possibilitado através do convívio com as mudanças sociais ocorridas na época.

Por outro lado, diante da crítica feita por Rômulo Wanderley acerca da literatura norte-rio-grandense, tentaremos instigar uma expansão nos espaços acadêmicos para novos estudos, não somente das escritoras locais que conseguiram reconhecimento no mundo das letras, como Nísia Floresta Brasileira Augusta, educadora, poetisa, romancista, que escreveu em três línguas, Auta de Souza, com o *Horto*/Carolina Wanderley, Palmira Wanderley, mas também daquelas que infelizmente continuam inertes e esquecidas, assim como Madalena, à espera de quem as faça ressurgir através do despertar do mundo acadêmico. A que podemos atribuir tal lacuna? Descaso, desinteresse, falta de incentivo social ou, como afirmou Rômulo Vanderley, preconceito para com as norte-rio-grandenses?

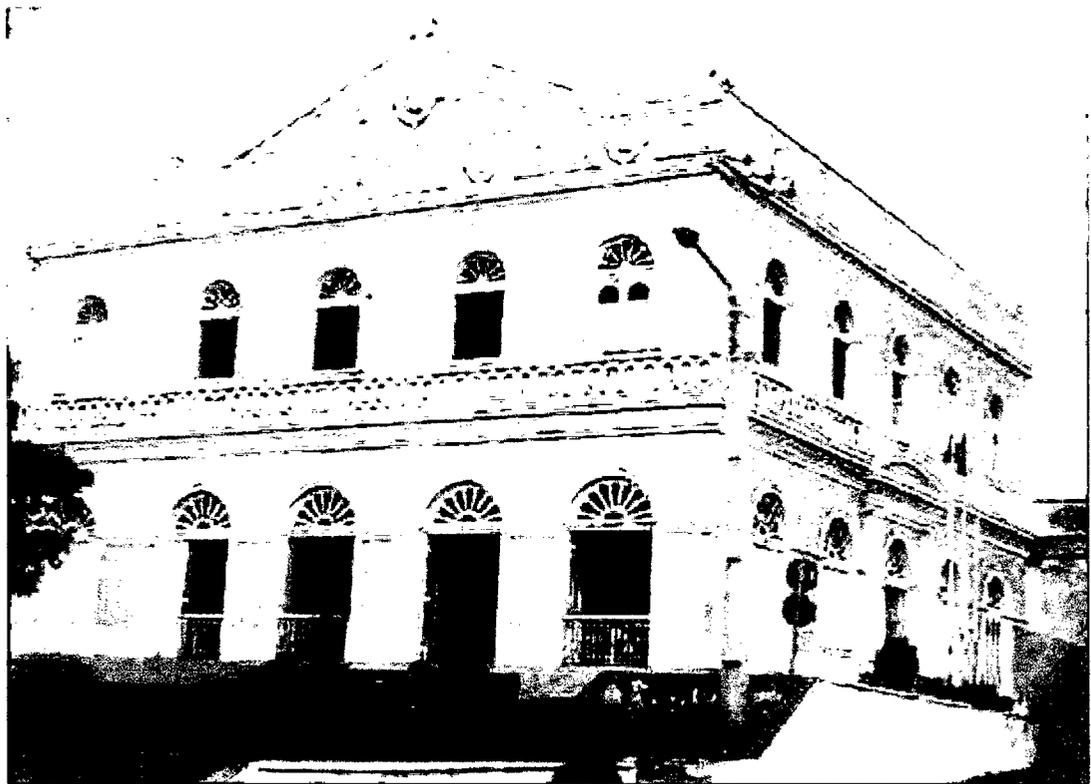
Como forma de divisão do trabalho propomos no primeiro capítulo, analisar as diversas publicações voltadas para as mulheres, a decisão de Madalena em se tornar escritora e a sua relação com o mundo literário existente. No segundo, falaremos dos vários temas da memória que foram selecionados nos seus escritos. No terceiro capítulo, tentaremos perceber as transformações sociais do pós - 45, o que foi omitido por ela, e finalmente relatar sobre o lançamento da obra.

Obviamente que o presente trabalho não ambiciona fornecer uma análise definitiva do livro *Oiteiro - Memórias de uma sinhá - moça*, pois somos conscientes das lacunas que possam surgir. Contudo, acreditamos que são justamente as lacunas incentivos às novas perspectivas de estudos. Nesse contexto acreditamos que as memórias quando analisadas, permitem valioso conhecimento de um determinado passado que nos impulsiona e possibilita a elucidação do presente.

- Como era → Como é
- Como era → Como é

* Na verdade é o presente que elucida o passado

O mundo l. escritoras
de mulheres e o que elas
vivem, e como



Arquivo Particular

Solar Bela Vista

1. ESCRITORAS E JORNAIS

“Nada morre dentro de nós. O pensamento registra o passado. Só deixamos de existir quando na terra não há mais quem nos recorde.”⁵

Maria Madalena Antunes Pereira nasceu na cidade de Ceará Mirim, interior do Rio Grande do Norte em 25 de maio de 1880. Sua infância foi vivida entre a casa no município e o engenho *Oiteiro* de propriedade do seu pai. Quando criança demonstrava ter aversão aos estudos, embora gostasse de livros de gravuras e de contar histórias para as criadas. As aulas de argumento então, eram um martírio pois detestava tabuada. O pai acompanhava fielmente os estudos dos filhos e tomava as lições mesmo que à noite. Com onze anos e se mostrando bastante atrasada nos estudos o pai resolveu enviá-la juntamente com a irmã Etelvina, para o colégio São José no Recife.

Os tempos vividos no internato foram um verdadeiro aprendizado e também um despertar, mesmo que obrigatório, para as leituras. Desta feita Madalena passou a ter um novo comportamento diante dos desafios da escola. Grande parte da vida de adolescente foi vivida ali, somente voltando ao convívio da família em 1896, após concluir os estudos com aproximadamente 16 anos de idade. Os conhecimentos adquiridos, associados ao desejo de enveredar no meio literário a fez despertar para a publicação de suas memórias na década de 1950. Procuramos aqui compreender historicamente como Madalena se fez escritora. Para isso, foi necessário contextualizar o momento em que sua obra foi produzida e publicada.

Tentando perceber o comportamento literário da época, segundo o que expressou Nelly Novaes Coelho⁶, a primeira metade do século XIX assistiria, à publicações de jornais dedicados às mulheres, dentre eles: *O Espelho diamantino*, RJ 1827; *O Espelho das Brasileiras*, Recife 1831; *A Fluminense Exaltada*, RJ, 1832. Porém, todos dirigidos e fundados por homens. Esse papel que os homens desempenhavam começou, a partir da segunda metade do século XIX, a causar insatisfação em algumas mulheres. Na percepção delas, era necessário que elas próprias ousassem às publicações femininas. Surgiram então, em várias cidades brasileiras, jornais manuscritos e editados por mulheres. A ousadia se fez

⁵ PEREIRA. Maria Madalena Antunes. *Oiteiro – Memórias de uma Sinhá-Moça*. Rio de Janeiro: Pongetti. 1958. p. 172.

⁶ A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX). Disponível em: <http://www.Kplus.cosmo.com.br>. Acesso em setembro de 2004.

sentir através de algumas que, destemidas, se lançaram às publicações fazendo com que essas funcionassem como termômetros da época.

O primeiro jornal feminino que entrou para a história nacional foi lançado em 1852 no Rio de Janeiro, denominado *Jornal das Senhoras*. Sua editora, uma mulher que estava sempre atenta aos exemplos a respeito do progresso vivido pelas nações européias, a argentina Joana Paula Manso de Noronha. Para ela o Brasil não devia ficar isolado “quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade”.⁷ O seu jornal abria um espaço importante de divulgação e discussão para as mulheres artistas, escritoras ou políticas e fazia um apelo para que elas não temessem expressar os seus pensamentos. No primeiro número Editorial publicado em anonimato ficava expresso esse pensamento: “não temais confiarmo-las, nem temais dar expansão ao vosso pensamento; se o possuís é por que é dom da Divindade e aquilo que Deus dá, os homens não podem roubar”.⁸

Conforme percebemos, Joana Prado foi buscar na religião um argumento que pudesse utilizar como uma maneira de tranquilizar suas pretensas leitoras para a prática da leitura e da participação nas publicações. Diferentemente do que se pregava nas duas décadas anteriores, o *Jornal das Senhoras* esforçou-se para alertar as mulheres quanto às suas condições, necessidades, valor e potencial. Não deixava de atacar os homens, que consideravam suas mulheres apenas “um utensílio de casa” e privava-a da educação e de conhecimento do mundo exterior, preferindo atacar a falta de conhecimento e de consciência das mesmas. A feminista alertava as mulheres de que elas precisavam abrir os olhos para as “injustiças, o domínio e a postergação de direitos”, que eram vítimas e concluía: “Com a instrução conseguiremos tudo e quebraremos ainda as cadeias que desde o século de remoto obscurantismo nos rodeão”.⁹

Em 1870, novos jornais foram fundados por mulheres, entre eles, *O Sexo Feminino*, editado por Francisca Senhora da Matta, esses periódicos conclamavam as mulheres a tomar consciência de sua identidade e de seus direitos; defendiam a educação como caminho seguro para alcançar a independência econômica, associando a luta pela emancipação feminina à reivindicação do direito ao voto e à abolição da escravatura.

Apesar de ser um produto da cultura de massa, favorecendo a democratização dos

⁷ Idem. 7 de setembro de 1873. p.1; 14 de setembro de 1873. p.20; 20 de setembro de 1873 p.1; 25 de outubro de 1873. p. 1-2.

⁸ ARAÚJO. Lúcia Nascimento. HOLLANDA. Heloisa Buarque de. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro. ROCCO. 1992. Disponível em: www.ufrj.br/pacc/literatura/INTRODIC.html. Acesso em: 20, setembro, 2004.

⁹ Id. Ibid.

costumes, a imprensa feminina era, na época e ainda nos dias atuais, uma forte incentivadora na ampliação do conhecimento e das oportunidades, que se traduzem em melhores condições de vida, mesmo que o progresso dos costumes – roupa, móveis, alimentação, saúde e lazer sempre viessem marcados pela finalidade do lucro. Desde épocas passadas, o consumismo e a estética da utilidade trariam sérias restrições, porém a imprensa feminina sempre soube tratar a vida como ela é: múltipla e contraditória.

1.1 Das publicações e pensamentos do mundo feminino

Durante as primeiras décadas do século XX, a construção do modelo social da mulher “dona de casa, rainha do lar” foi vista pelas feminista Norte-Rio-Grandenses que analisavam a atitude dos homens, uma estratégia deliberada para subjugar a mulher à tutela do pai, do marido e do patrão. Conforme afirmou Martha Dolores:

“É em vão que tentam dar à mulher o título absoluto de ‘rainha do lar’. É baldado pregar-lhe que a sua emancipação política será uma desordem na família e no país. Conviu-se-ão afinal, de que todas as leis são ultrapassadas, em todos os casos gerais há sempre casos excepcionais, e que a mulher apesar de tudo, pugnará sempre pelos seus direitos, enquanto para isto reclamarem suas inclinações”.¹⁰

Esse tipo de “confissão” nos chama atenção pelo fato da revista *Via Láctea* ter como subtítulo “Religião, Arte, Ciências e Letras”, e o desabafo expressado por Martha Dolores certamente foi de encontro aos valores pregados pela Igreja Católica quanto à emancipação desejada pelas mulheres. A atitude de Martha nos permite perceber o quanto algumas mulheres se mostravam determinadas em suas colocações, e deixa claro o repúdio delas com os diversos setores da sociedade e instituições como a Igreja, que se mostravam intransigentes nas reivindicações das mulheres. O fato instigou novas publicações e causou uma ebulição no comportamento das mulheres, antecipando as mudanças que se processaram com maior rapidez entre as décadas de 20 e 30 e que tinham como propósitos o avanço do movimento feminista.¹¹

¹⁰ ARAÚJO. Lúcia Nascimento. Op. Cit., p. 92

¹¹ Para um maior aprofundamento sobre a revista *Via Láctea* ver publicação de autoria de Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira Macedo. Natal, RN: Editora NAC, CCHLA/NEPAM, Sebo Vermelho, 2003.

Os vários artigos surgidos e assinados por feministas ou simplesmente por escritoras e escritores que aderiram à causa (o reconhecimento da importância da mulher) avançavam nas primícias de que o espaço doméstico, mundo este considerado histórico, social e complexo no qual se entrelaçam vários elementos e estratégias de controle social que dizem respeito às mulheres, foi sendo substituído ou dividido entre salas de aulas, empresas, hospitais, cinemas, entre outros.

Como isso gerou a família de med. linc.?

* Desenvolver

1.2 Da revista *Via Láctea*

Nas primeiras décadas do século XX, especificamente o ano de 1914, o Rio Grande do Norte assistiria à publicação da revista *Via Láctea*, fundada por *Palmyra e Carolina Wanderley*, e escrita exclusivamente por mulheres jovens. A revista tornou-se um marco não somente para o Estado, mas principalmente para as lutas das mulheres pela emancipação literária. A revista *Via Láctea* conseguiu se manter durante um ano e, apesar de uma certa brevidade, foi graças a esta audaciosa iniciativa que essas mulheres escritoras puderam deixar suas marcas para as gerações posteriores. Despertando o interesse das escritoras, “A revista aceitava colaboração impondo apenas uma condição: que a verdadeira identidade da autora fosse revelada ao corpo editorial, caso quisesse se ocultar sob pseudônimo. A solicitação se fazia necessária pelo fato de alguns rapazes na época adotar nomes femininos”.¹² Ora, se as mulheres eram incapazes de produzir algo que causasse repercussão, a que podemos atribuir o fato de rapazes utilizarem pseudônimos femininos? Seria uma falsa segurança? Ou temiam pela qualidade de suas publicações?

Outros jornais femininos também surgiram no período como o “*Lyrrio*” de Adelle de Oliveira, no município de Ceará – Mirim, conforme lembra Madalena: “...comecei a escrever nos jornais femininos da terra. Ceará Mirim, se esmerava no cultivo das boas letras.” E acrescentou: “...havia dois jornais manuscritos: o ‘Sonho’, da exímia poetisa conterrânea, Adele de Oliveira e a ‘Esperança’, dirigido pela fina inteligência de Isaura Carrilho e Dolores Cavalcanti. Nas páginas deste último, saiu o meu primeiro artigo, tão fanadinho de idéias que nem foi percebido...”.¹³ A presença de pelo menos três jornais

¹² DUARTE. Constância Lima. Op.Cit. p. 24.

¹³ PEREIRA. Maria Madalena Antunes. Oiteiro – Memórias de uma Sinhá-Moça. Rio de Janeiro: Pongetti. 1958. p. 233.

dessa natureza no referido município entre as décadas de 1920 e 1940, demonstrava a importância dessa imprensa na vida intelectual local.¹⁴

1.3 Nasce uma nova escritora

“Nada morre dentro de nós. O pensamento registra o Passado. Só deixamos de existir quando na terra não Há mais quem nos recorde”.¹⁵

No decorrer do avanço das publicações feitas por mulheres, o livro *Oiteiro* certamente pode ser inserido numa série de esforços das mulheres pela busca da conquista do seu espaço na literatura. No caso específico de Madalena, comungamos com a hipótese de que provavelmente o ambiente familiar foi um fator de influência na sua decisão de se lançar às letras. Madalena possuía uma irmã e um irmão escritores. Ao decidir entrar no campo das letras resolveu recorrer às bençãos daqueles que ela considerava, na época, “mestres da literatura”: Câmara Cascudo, Palmyra Wanderley e, principalmente, o escritor e sobrinho Nilo Pereira. O fato de buscar nos mestres que já desfrutavam de notoriedade no mundo literário local, a aceitação do seu trabalho foi para ela uma maneira de não estar exposta as possíveis críticas e fazer com que se sentisse mais segura. Estaria essa atitude associada à condição de ser mulher? Ou apenas ao fato de ter irmãos escritores? Não nos compete tentar responder essas questões especulativamente, apenas perceber que, apesar do avanço literário conquistado pelas mulheres, pelo próprio exemplo da irmã Etelvina que, inclusive, escrevia para jornais locais, isto não foi suficiente para fazer com que ela se sentisse segura no seu intuito. A certeza de que a publicação de suas memórias não causaria “desconforto” à sua imagem de mulher só poderia ser obtida com o referendo dos seus “mestres”.

O sentimento de segurança veio através do aval de Nilo Pereira que, até mesmo, foi mais longe naquilo que pretendia Madalena, quando afirmou que um livro de memória vinha prontamente preencher um vazio na literatura local já que ambos teriam “o dever para com a velha terra: reconstruir-lhes o perfil histórico, a fisionomia aristocrática e a

¹⁴ Para um maior aprofundamento da questão ver trabalho de dissertação de mestrado intitulado “Imprensa feminina: o jornal *A Esperança*, 1903-1909” de Otília Porpino Gomes.

¹⁵ PEREIRA, Maria Madalena Antunes. *Oiteiro – Memórias de uma Sinhá-Moça*. Rio de Janeiro: Pongetti. 1958. p. 178.

*
Como
sua
imagem
de
mulher?

(?)

vício de estilo luminar - crônica do passado de ¹⁶ rúptas, no
de - ilhas.

tradição rural”; e acrescenta: “Além disso, a civilização rural de Ceará - Mirim ainda não tem o seu cronista; é preciso ter”.¹⁶ Diante da carta-branca dada pelo escritor, Madalena deu prosseguimento ao seu ímpeto tendo a convicção de ter adquirido no meio literário a cumplicidade para a publicação de suas memórias. Ao fazê-lo, conforme afirmou Câmara Cascudo, realizou a proeza de ser a primeira memorialista do Rio Grande do Norte, principalmente por dar à sua obra um caráter pedagógico, para o ensino das gerações posteriores.

Assim, *Oiteiro* não se apresentava apenas como um livro de registros de lembranças pessoais, mas como uma espécie de manual de comportamento no qual estavam expressos os valores que deveriam acompanhar todas as mulheres e que deveriam ser cultivados por elas. Esse caráter dado ao livro é visível na própria dedicatória, destinada a uma tríplice geração de mulheres: sua filha mais nova, sua neta e a primeira bisneta.¹⁷ Por outro lado, o fato de lançar suas reminiscências não deixaria de ser, para Madalena, uma maneira de assim como a irmã Etelvina, eternizar sua figura de mulher.

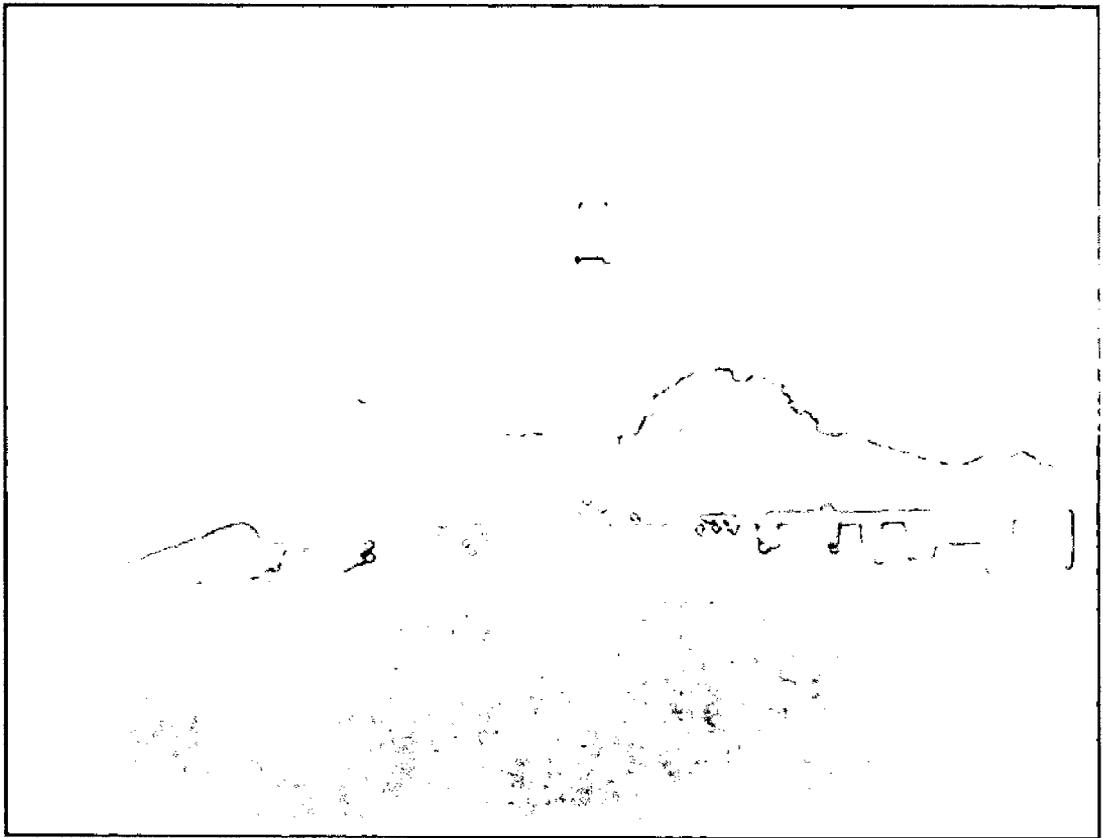
*
Explicar

↓
Consequência
de
família

Com fronte
-alho com
is
três per...
det...
50.

¹⁶ Id., *Ibid.*, p. 10.

¹⁷ PEREIRA, Maria Madalena Antunes. *Oiteiro - Memórias de uma Sinhá-Moça*. Rio de Janeiro: Pongetti. 1958. p. 5



Arquivo Particular

Engenho Oiteiro

2. AS MEMÓRIAS DE UMA SINHÁ-MOÇA

“Cercada de lendaseu tinha para mim, haver outro mundo diferente daquele que habitava”.¹⁸

Na tentativa de perceber os vários processos registrados da memória de Madalena como: a infância no engenho *Oiteiro*, a dificuldade em assimilar os conhecimentos das primeiras letras, a ruptura com a vida do engenho para se lançar ao mundo desconhecido no colégio em Recife, os costumes locais como a devoção a Nossa Senhora, as missas do Padre Antunes, a relação com o seu padrinho de batismo e amigo de Deodoro da Fonseca com quem foi companheiro de pensão no Rio de Janeiro, o dia das feiras livres, a libertação dos escravos, a queda no preço do açúcar e o processo de decadência vivido por seu pai, tivemos que selecionar alguns.

Entre tantos, nos deteremos naqueles em que Madalena apresentou terem sido marcantes em grande parte de sua vida. Isso porque a partir do momento em que nos adentrávamos na leitura percebíamos que determinados fatos tomavam mais espaços do que outros em suas memórias. Em alguns momentos se torna bastante visível que ela buscou nas referências do passado manter a coesão da família. Foi com o propósito de fortalecer essa instituição que Madalena deixou suas memórias, e sobre a família comentou:

“O culto da família, que foi a primeira religião do homem, deve manter-se no coração de todos, porque é de que estabelece a solidariedade entre os membros da mesma casa, perpetuando a honra de um nome pelos tempos adiante”.¹⁹

Nesse aspecto podemos considerar o real motivo que a levou ter afirmado que deixaria os seus escritos para a sua triplíce geração.

Outro aspecto diz respeito a maneira como ela escreveu. Sua linguagem coloquial e simples nos transmite a sensação de uma proximidade cotidiana, o que estava um pouco longe do imaginável por nós, afinal do que poderia falar uma sinhá? Indagávamos. Provavelmente de artes, língua francesa, escravos e mucamas. Nesse aspecto fomos surpreendidos. Suas memórias constituem um aprendizado não somente histórico e social

¹⁸ PEREIRA. Maria Madalena Antunes. *Oiteiro – Memórias de uma Sinhá-Moça*. Rio de Janeiro: Pongetti. 1958., p. 47.

¹⁹ Id., *Ibidem*. p. 232.

mas acima de tudo humano. Isso porque ela revela conscientemente a Madalena invejosa, a caridosa, a irresponsável com os estudos, a cristã, embora a lacuna da sua vida pessoal; suas perdas, desejos e sentimentos tenham sido tão sabiamente preservados, o que em determinados momentos parecem querer aflorar, ao ponto de nos permitir viajar não somente no processo histórico, mas inclusive no mundo das possibilidades.

2.1 DA CANA-DE-AÇÚCAR AO ALGODÃO

Um dos “processos históricos” mais privilegiados da memória de Madalena foi a importância dada a região do Seridó, que viveu a ascensão da cotonicultura, em detrimento do declínio da região do vale do Ceará – Mirim que presenciou a crise da economia açucareira

“vejo o algodão do Seridó exaltado não só no Brasil como em outros países (...) abrindo-se em pétalas brancas e aveludadas sobre caules de ouro (...) para depois servir de adorno às princesas da felicidade”.²⁰

Esses processos estiveram articulados ao desenvolvimento da indústria têxtil nacional, que possibilitou ao Estado ser também o responsável pelo abastecimento da fábrica têxtil no sudeste, integrando-o à Divisão Intranacional do Trabalho. A iniciativa do governador Alberto Maranhão que estabeleceu contatos, com banqueiros franceses, a fim de realizar operação de empréstimo externo para a modernização da capital. Todo esse avanço na produção algodoeira foi acompanhado com o desencadear de crises vividas pela sociedade açucareira, que teve em 1910, o seu momento mais forte com a queda nas exportações do açúcar brasileiro. Esse declínio da atividade açucareira foi responsável pelo aparecimento de “*uma certa visão estigmatizada do nordeste*”.²¹ Acreditamos que este estigma provavelmente foi causado pelo comportamento hegemônico dos senhores de engenho em consonância com a burguesia comercial, que impediu que o nordeste diversificasse a sua produção.

Entretanto, não podemos deixar de perceber que esta hegemonia possibilitou que somente ao vale de Ceará - Mirim, no período de 1894 a 1910, absorvesse cerca de 60% do

²⁰ PEREIRA, Maria Madalena Antunes Op. Cit. p. 220.

²¹ TAKEYA, Denise Monteiro. Um outro Nordeste. O algodão na economia do Rio Grande do Norte. (1880-1915). Fortaleza: BNB. ETENE, 1985. p. 31.

açúcar do Rio Grande do Norte. A importância da atividade açucareira do Ceará - Mirim foi responsável pelo surgimento de uma sociedade que sustentava os estudos dos filhos dos senhores de engenho fora do estado, e até mesmo na Europa, tornando-se, mais tarde, médicos, engenheiros e advogados.

A crise econômica e social chegou ao interior do Estado do Rio Grande do Norte, abalando consideravelmente as estruturas econômicas do sistema dominante, fazendo com que os senhores de engenho ficassem sujeitos às oscilações do açúcar da cana, haja vista estar o açúcar de beterraba progressivamente ganhando espaço desde 1880. Já em 1893, comentou o pai à Madalena quando essa retornava em férias do Recife:

“Tenho dispendido muita atividade para sustentar o ‘barco’, que é pesado. Quatro filhos no colégio não é brincadeira...Mas espero vencer. Não somos ricos e a nossa propriedade é muito pequena,”e acrescentou: “Sem que vocês me auxiliem estudando muito, não perdendo tempo, não lograrei cedo a vitória dos meus intentos....”²²

E acrescenta: “Sua mãe tem me ajudado bastante e compenetra-se da nossa situação, colaborando fielmente no necessário equilíbrio financeiro”. Pelo exposto, podemos perceber que, apesar de viver numa época em que os homens excluíam as mulheres do conhecimento dos assuntos de seus negócios, o coronel Antunes fugia à regra. Isso também é observado pela preocupação que tinha na instrução das filhas, pois “insistia em pôr as filhas no colégio dando-lhes instrução igual, se possível, a dos irmãos”²³

A falta de capital de giro associado à luta para preservar o valor do açúcar, fez com que o coronel Antunes, assim como outros senhores de engenho, buscassem ajuda dos “capitalistas da terra”, conforme definia os comerciantes que emprestavam dinheiro a juros. Nessa conjuntura de crise “os bancos não estavam funcionando”,²⁴ pois se mostravam receosos devido à crise do setor lá. Esse pensamento foi também estendido aos comerciantes da terra, os quais viviam de emprestar dinheiro, mas preferiam guardá-los nos bancos, pois ofereciam maior rentabilidade. A crise que foi avançando teve o seu momento crítico no ano de 1910 com as inundações constantes do rio Ceará - Mirim, que acabou por abalar profundamente as estruturas econômicas do município.

²² PEREIRA, Maria Madalena. *Oiteiro - memórias de uma Sinhá - Moça*. São Paulo: Pongetti, 1952. p. 129.

²³ Id., *Ibid.*, p. 116.

²⁴ Id., *Ibid.*, p. 130.

Essa realidade não esteve presente apenas no município, como sabemos, a agroindústria canavieira tornou apta, além das formas de utilização do solo, uma sociedade característica, por ser o açúcar o produto base de um complexo sociocultural de vida e convivência humana na maioria dos estados nordestinos e motivo de estudos nas obras *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, assim como na tríade: *Menino de Engenho, Doidinho e Fogo Morto*, denominado ciclo da cana-de-açúcar, do romancista e memorialista José Lins do Rego. Neste processo, a situação daquele município apresentou uma especificidade que contribuiu para a crise. Além da substituição que começou a se fortalecer dos engenhos por usinas, a cultura do algodão se expandiu nas várzeas. O desvio da atividade açucareira seria mais tarde concretizada com a proibição, pelo Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA, do fabrico de açúcar bruto, destinado ao mercado regional e produzido com técnicas rudimentares.²⁵

A falta de apoio tanto político quanto econômico à limitação na comercialização do açúcar fez com que os donos de engenho se sentissem cada vez mais impossibilitados de superar a crise. Como o Ceará - Mirim, desde a sua origem, estava intimamente ligado aos avanços e recuos do açúcar, o declínio da atividade fez a cidade sofrer não somente economicamente, mas também socialmente, o que vem a ser ratificado com o comentário do coronel Antunes: “abandonamos festas e passeios, vivemos os dois no Oiteiro, só trabalhando e pensando no futuro de vocês”.²⁶ Diante de tamanha situação e percebendo a agonia do pai, Madalena, levada também pelo receio de não mais desfrutar das benesses que a sociedade da cana-de-açúcar lhe proporcionava, prometeu a si mesma “não medir esforços para se destacar nos estudos e assim fazer valorizar o sacrifício do pai”.²⁷

Apesar da expectativa em torno da cotonicultura, que tinha o Maranhão como o seu maior produtor no Brasil, o fato de não ter havido investimento na área de industrialização no setor têxtil do Seridó provocou a crítica de Cascudo, quando afirmou que o “século XX pertenceu, no Rio Grande do Norte, ao algodão, embora que reconhecida como terra do algodão, não possuísse uma fábrica de tecido (1952)”.²⁸

Por outro lado, no âmbito político, a propulsão da cotonicultura fez ascender grupos políticos do Seridó e suas oligarquias. Este fato também fortaleceu a luta das mulheres, pelo fato do representante destas oligarquias, José Augusto Bezerra de Medeiros, ter sido

²⁵ VENTURELE. Paulo de Paiva Castro. *Dinâmica urbana de Ceará Mirim*. Natal: CERN. 1992. p 30/31

²⁶ Id., *Ibid.*, p. 129.

²⁷ Id., *Ibid.*, p. 129.

²⁸ CASCUDO, Luiz da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. MEC., s. d. p. 390.

eleito para governar o Estado e, junto com ele, estar Juvenal Lamartine de Faria, também seridoense e Presidente do Partido Político Operário, que sempre se mostrou sensibilizado às reivindicações do movimento das mulheres, sendo inclusive favorável e um forte aliado às lutas. O seu prestígio junto ao governo foi um forte incentivo à reforma eleitoral em favor das mulheres e fez com José Augusto Bezerra de Medeiros entrasse para a história como o primeiro Senador (1928) que homologou o voto feminino, mesmo não sendo defensor desse direito às mulheres.

2.2 Escravo e mulher : um sonho de liberdade

Um outro aspecto que marca a memória de Madalena, é aquele que podemos definir genericamente como a “questão da escravidão”. A extinção do sistema escravista no Brasil, como em outros países escravistas, passou a ser uma exigência do capital industrial inglês. Além disso, esse sistema também estava condenado pela própria evolução da economia interna brasileira marcada pela transferência de escravos para as províncias cafeeiras, pela abolição do tráfico em 1850, pelas secas freqüentes e pela crise de 1870. Esses fatores fizeram com que antes mesmo da lei imperial de 13 de maio de 1888 ser decretada, vários municípios do Rio Grande do Norte, já tivessem alforriado os seus escravos, embora não descartassem as conseqüências desse ato. Em todo o país as notícias da abolição tomava conta dos cafés, no mercado da cidade, nas “vendas”²⁹, causando desespero nos escravocratas:

“Meu pai, os coronéis Joaquim Leopoldo e seus irmãos Antero, de Mucuripe, Cícero e Pedro , do Paraíso, Carlos Carrilho do Carnaubal, Francisco Soares, do Cruzeiro, José Félix, da Ilha Bela, Francisco Teodosio Paiva, de Morrinhos, o Miranda, da Lagoa, e outros proprietários preocupavam-se com a falta de braços para a lavoura e a baixa do açúcar.”³⁰

No Rio Grande do Norte “Os jornais e os panfletos falavam de homens chamados José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, e principalmente um poeta, Castro Alves”,³¹ mas segundo a negra Tonha “Joaquim Quimbuco é o mais danado de tódo a favô dos nêgo”.³²

²⁹ PEREIRA. Maria Madalena . *Oiteiro - memórias de uma Sinhá - Moça*. São Paulo: Pongetti, 1952. p. 64.

³⁰ Op. Cit., p. 189.

³¹ Id. Ibid., p. 64

³² Id. Ibid., p. 64

* fundadoras

Nas Províncias do Norte tornava-se uma prática os senhores de engenho conceder cartas de alforria principalmente em datas importantes. A concessão de alforria dos escravos não deixou de ser regida por critérios machistas que ainda vigoravam fartamente na sociedade de fim de século. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o escravo Martinho, alforriado pelo coronel Antunes no dia do aniversário de D. Joana, mãe de Madalena. Esse "machismo" no direito de definir os libertos foi marcante na memória de Madalena que questionou o fato do seu pai ter preferido emancipar o escravo Martinho, em detrimento da escrava Patuca, considerada por ela uma "boníssima criatura" por essa ser uma mulher. Percebemos claramente o preconceito contra a mulher escrava negra na sua própria condição de escrava, ou seja, embora separada de mulheres brancas pelas questões sociais, como mulheres estavam juntas na luta para quebrar as correntes do preconceito.

A escravidão vivida pelos negros era uma condição social que estava intimamente relacionada com a falta de liberdade vivida por Madalena, pois em vários momentos os seus escritos expressam esse sentimento tão aflorado em sua memória, como quando se referindo ao fato da escrava Tonha poder ir à feira e a casa de farinha com as comadres de D. Joana, afirmou: "Eu sim, que parecia ser uma escrava..."³³ Noutro momento chegou a comentar que "A liberdade é como o sol espalhando reflexos mesmo antes de aparecer no horizonte".³⁴ Até mesmo nas brincadeiras, também com Tonha, em que muitas vezes invertiam os papéis onde ela representava a escrava e Tonha, a senhora. E ainda reforçava o sentimento de inveja da liberdade da negra:

"Tonha era livre! bem liberta dos preconceitos, de tudo! Sim, bem diferente de mim, a eterna escrava das injunções sociais, do meio das épocas, obrigada ainda aos mistérios de minha consciência ...Como teria de invejar mais tarde a independência de Tonha".³⁵

A abolição do regime escravocrata foi um movimento determinado a conceder ao negro a mesma valorização cristã que era atributo do branco. Tratava-se de um fato destinado a eliminar uma das mais graves contradições da cultura brasileira, na qual considerava que os indivíduos de cor não fossem iguais aos brancos. Tal fato encontra correlato na luta da mulher pela emancipação visto que, ao invés das amarras de ferro, era

³³ PEREIRA, Maria Madalena. *Oiteiro - memórias de uma Sinhá - Moça*. São Paulo: Pongetti, 1958. p. 113.

³⁴ Op. Cit. p. 65.

³⁵ Id. Ibid.

- O m... do de 1944-0
o m... do de
mulher mistonifica

o preconceito e a discriminação da sociedade que a sufocavam no universo da ignorância e da exclusão, fazendo surgir um sentimento libertador que, em ambos os casos, foi repudiado e perseguido por aquela cultura machistas e aristocrática vigente.

2.3 Da educação e conquistas das mulheres

O processo educacional de Madalena mereceu nas suas memórias um registro maior. ○ consideramos assim pelo fato dela ter passado praticamente cinco anos como interna no colégio São José, no Recife e isso ter proporcionado um grande aprendizado, além de um forte desafio. Lá ela não apenas conheceu as letras, mas descobriu um lado da vida que ela desconhecia. A escolha do colégio foi do próprio pai que recebeu propostas de várias escolas. Entrou para o internato aos onze anos. Como a maioria das meninas de posses da época o objetivo do internato, como comentou Sinhá Joaquina era de tornar Madalena uma “senhora dona”.³⁶ A partida não foi fácil: a ruptura com os hábitos comuns, a saudade da vida calma do engenho, o medo de enfrentar o desconhecido, a obrigação com os estudos. Afinal quem disse que ela queria se tornar uma “senhora dona”?

O tempo passou e o cotidiano na escola foi fazendo com que Madalena adquirisse consciência de como era o mundo longe de casa. Associado a isso começou a perceber o quanto precisava aprender, mesmo que a custa das “diferenças regionais” como foi caso de ao ser chamada de “Papa gerimum” não saber o porquê. Somente mais tarde teve o cuidado de descobrir que a referida expressão se dava pelo fato de tendo no Nordeste produção de gerimum ter a fama de pagar o funcionário público com esse produto. Contudo, o conhecimento histórico acerca do Nordeste fez com que Madalena adquirisse um certo orgulho em ser nordestina.

Esse sentimento somente foi aflorado com o conhecimento da história norte-riograndense enaltecida nas figuras de Felipe Camarão e Frei Miguelinho. Para Madalena “com o passar dos tempos” a vida colegial, que a princípio me parecia detestável, foi-se tornando mais agradável e suave”.³⁷ A rejeição ao estudo deu lugar a novos conhecimentos e a literatura passou então a fazer parte de um cotidiano que se transformava. No colégio leu obras de Virgílio, de Platão, de Cícero, a Vida dos Santos, entre outros. Essa ascensão intelectual foi percebida por ela num dos momentos em que vindo de férias parou para observar os retratos do pai e da mãe pintados à óleo e expostos na sala de sua casa. Através

³⁶ PEREIRA. Maria Madalena .op. cit., p. 30

do quadros ela percebeu que os mesmos tinham sido pintados pelo artista francês Pierri, “o mesmo que pintou o barão de Moreno em Recife, e que estava em exposição”³⁸. Desta maneira o conhecimento adquirido nos livros se materializava nos objetos familiares.

Procuramos compreender de que maneira as reminiscências de Madalena sobre sua formação educacional estava ligada de alguma forma a processos mais amplos de emancipação feminina. Mesmo que atingindo uma pequena parte da população feminina, o referido processo, educação e de instrução das mulheres no início do século XIX, ganhou uma forma de liberdade e de transformação de vida, com a publicação do livro *Em Torno da Educação*, e da fundação da Federação Internacional Feminina, pela professora e autora mineira Maria Lacerda de Moura (1887-1945), identificada como anarquista por causa dos seus ideais. O fato de ter uma intensa atuação em defesa da mulher fez com que ela se tornasse responsável por lançar a revista *Renascença* que circulou em 1923, cuja proposta era trazer:

“Páginas de pensamento, de educação, questões Internacionais notas científicas, as reivindicações modernas, reportagem, esportes, arte, moda e trabalho feminino, páginas infantil, sociais, movimento operário, movimento associativo etc”.³⁹

A *Renascença* como revista foi especialmente voltada para a questão da formação intelectual e moral das mulheres. Poucas feministas brasileiras desse período tomaram posições radicais como se opor à Igreja, ao capitalismo e ao militarismo, e menos ainda, se envolver diretamente com o movimento operário e sindical, como foi o caso de Maria Lacerda. Assim como ela, ainda nas décadas de 1920 e 1930, Bertha Lutz (1894-1945), aos 25 anos, liderou a campanha pelo voto e fundou o Movimento Feminino Brasileiro logo após o seu regresso da Europa em 1918. Em resposta a uma afirmativa de um jornalista carioca que disse que os últimos progressos femininos nos Estados Unidos e na Inglaterra exerceriam pouca influência no Brasil, ela lançou uma chamada formal para a “fundação de uma liga de mulheres brasileiras”, a fim de que a própria mulher pudesse compreender que:

Ela não devia viver parasitadamente do seu sexo”, mas ao contrário, “deve ser útil” e “tornar-se capaz de cumprir

³⁷ PEREIRA, Maria Madalena. *Oiteiro - memórias de uma Sinhá - Moça*. São Paulo: Pongetti, 1958. p. 43.

³⁸ Id. *Ibid.*, p. 135.

³⁹ BUITONI, Dulcinéia Schroeder. *Imprensa Feminina*. Ed Ática. Série Princípios. 1986. p. 46.

os deveres políticos que o futuro não pode deixar de repartir com ela”, e completa: “Assim era possível as mulheres se tornarem instrumentos preciosos ao progresso do Brasil”.⁴⁰

Apesar do projeto da referida organização não ter sido de imediato, surgiram várias associações de mulheres nos anos seguintes. Os grupos feministas brasileiros cresciam onde as mulheres proclamavam sua insatisfação com os papéis tradicionais atribuídos pela sociedade. A luta mundial dos movimentos feministas pelo reconhecimento do real valor da mulher passaria inicialmente pela conquista dos direitos políticos, e assim a conquista do voto seria o bilhete de entrada em rumo às outras conquistas. O Brasil seria o quarto país do mundo a permitir à mulher votar e ser votada ficando atrás, pela ordem, do Canadá, dos Estados Unidos e do Equador.

Com relação à conquista feminina do voto e os direitos reivindicados pelas mulheres não há nas memórias de Madalena quaisquer referência ao assunto em questão. Atribuímos a existência dessa lacuna ao fato da influência da família, que sendo de religião católica terminavam por assumir os preceitos que a Igreja pregava a respeito da mulher. Segundo essa instituição a mulher deveria viver unicamente para o lar. Esses princípios não somente nortearam a vida familiar de Madalena como também foi reforçado durante os anos vividos no colégio, ao ponto de retornar do mesmo muito mais “obediente” ao que pregava a Igreja. Nesse caso devemos considerar que o silêncio de Madalena teve suas razões, pelo fato de ter tido uma educação doméstica que a coibiu de se manifestar sobre determinados assuntos.

⁴⁰ HAHNER. June E. A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850-1937. Revista da Semana.: São Paulo, p. 102, dezembro de 1918.



Arquivo Particular

Maria Madalena Antunes Pereira

3. ENTRE O QUE FOI LEMBRADO E ESQUECIDO

“Não há prêmio maior que recordar, nem castigo pior que esquecer”.⁴¹

Para se entender todo o processo da publicação das memórias de Madalena, é necessário que alguns fatores sejam levados em consideração. Inicialmente é importante enfatizar que o tempo das suas memórias é o tempo da experiência de uma vida, na cidade de Ceará – Mirim, entre o século XIX e a década de 1930, já que, nesse período, como foi mencionado, passou a residir em Natal.

Fazendo uma digressão no campo literário, estávamos na fase Modernista (1920-1945). Após esse período, o Brasil não seria mais o mesmo, pois surgiram manifestações de grupos (intelectuais, estudantes e operários) lutando por uma liberdade à que se tinha direito. De certa forma, esses acontecimentos eram vistos por Madalena como uma espécie de oportunidade para que finalmente sua produção literária viesse à tona. A prova está no fato de ter sido no ano de 1947 que a mesma recebe do sobrinho Nilo Pereira o incentivo para a publicação do livro.

No que concerne às memórias de Madalena procuramos interagir os acontecimentos políticos, econômicos e sociais vigentes na época, associando-os aos relatos que foram registrados por ela. Em consonância com suas lembranças, observamos que ela, por sua vez, beneficiou-se de outras memórias, como as das escravas Patuca e Tonha, com o objetivo de legitimar o cotidiano vivido. No que diz respeito ao mundo público, ela consegue resgatar na memória nomes de pessoas e lugares com detalhes consideráveis, o mesmo não se vendo em relação a sua vida privada e íntima. O silêncio observado tornou-se algo incômodo na medida em que tendo sido ela uma mulher que viveu no meio de tantos intelectuais e acompanhando tantas mudanças não tenha, até mesmo enquanto adolescente, despertado para o amor. Que tipo de relação tinha ela com o sexo oposto? Se experimentou tal sentimento, o que a fez guardar a sete chaves? Por ventura teria tido um amor proibido? Ou fechou-se ao amor?

Em recente encontro com Lúcia Helena Pereira,⁴² comentamos sobre o assunto e a mesma expressou que nunca se indagou sobre isto, e que apenas tinha conhecimento de que o marido da tia era um homem bastante reservado, diferentemente da tia, a qual

⁴¹ PEREIRA. Maria Madalena. *Oiteiro - memórias de uma Sinhá - Moça*. São Paulo: Pongetti, 1952. p. 163.

⁴² Lúcia Helena é sobrinha de Madalena Antunes e Presidiu a Academia Feminina de Letras.

gostava de receber e viver rodeada de intelectuais. Outra omissão diz respeito à morte do pai, o que também nos causou surpresa. Na tentativa de aumentar o nosso conhecimento acerca de Madalena nos deparamos com o livro *A Rosa Verde* do escritor Nilo Pereira, que nos revelou o seguinte fato:

“Um dia – um triste dia – se abateu a desgraça sobre aquela casa alegre, onde se respirava euforia e felicidade (...) Quando menos se viu foi o baque surdo na calçada do sobrado: o coronel José Antunes atirou-se da janela, pondo termo à vida.⁴³

Esse fato não mencionado por Madalena abre perspectivas para várias interrogações: como será que ela lidou com tamanha tragédia? Como a sociedade cearamirinense viu o acontecimento? Pertencendo à aristocracia rural, qual a posição da Igreja? Sim, porque sabemos que desde a Antigüidade o suicídio é um ato renegado pela Igreja Católica a ponto de nem mesmo consentir a prática da missa de corpo presente. Como terá sido com o coronel Antunes? Terá tido um velório aos modos cristãos? Tendo sido um colaborador na construção das torres da Igreja, por acaso interferiu na decisão do clero?

Infelizmente a falta de registros nos impossibilitou de uma análise mais profunda do acontecido, apenas podemos supor que provavelmente o fato aconteceu entre a década de 20 e 30, porque foi nesse período que Madalena passou a morar em Natal. Juntamente com o pai ela acreditou que tinha sepultado a sua história de sinhá moça. Contudo, décadas posteriores, sentindo a necessidade de romper com o silêncio ela consegue retomar aquele desejo de outrora: tornar-se escritora.

Entretanto, elementos considerados importantes para o contexto da história nacional, como as mudanças sofridas durante o Estado Novo, a Era Vargas que teve como consequência a instalação de indústrias no país despertaria nas mulheres de classe média um novo estilo de vida. Na medida em que os serviços do cotidiano se tornavam mais práticos, elas teriam mais tempo para buscar novas atividades, inclusive para passear.

Durante a Segunda Guerra Natal apresentou um maior contingente de americanos, fato que traria mudanças expressivas na sociedade natalense (uso de roupas informais; abolição de ternos e gravatas; uso de gírias; músicas com outros ritmos: conga, bolero, os

⁴³ PEREIRA, Nilo. *A rosa verde*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1982. p. 166/167.

quais instituíram o hábito de ser cortês com as mulheres, presentear com flores, entre outros)⁴⁴. Madalena, residente em Natal, presenciou esse processo de mudanças, o qual teve como consequência para as mulheres a liberação de muitas da submissão patriarcal. Ao final do período mencionado, encontraríamos uma mulher que começava a ir às ruas, cinemas, bailes e praias apenas acompanhadas da irmã mais velha ou do irmão, embora esse comportamento fosse visto pelos moralistas católicos como uma forma de desestruturação do modelo padrão da família.

Outro ponto silenciado por Madalena diz respeito às questões políticas e as conquistas das mulheres. Política realmente era um assunto para o qual ela não despertava nenhum interesse. Nem mesmo o fato de ter pretensões literárias fez com que ela buscasse refletir que foi graças a ousadia de algumas mulheres, principalmente no mundo literário, que elas passavam a ter mais visibilidade social.

No que se refere ao Rio Grande do Norte, a década de 1920 foi bastante expressiva no que se diz respeito à conquista das mulheres. Em 1928, Juvenal Lamartine foi eleito para governar o Estado, e sendo grande partidário do sufrágio feminino inaugurou um período renovador e ousado. Durante o seu governo, Júlia Barbosa tornou-se a primeira mulher no país a dar entrada no requerimento para o alistamento eleitoral, e a professora Celina Guimarães Viana a primeira mulher a votar na América do Sul. Este fato seria acompanhado por outras em várias cidades do país. Com a mulher eleitora a luta pela emancipação feminina foi ganhando impulso abrindo espaço para outras conquistas da mulher no espaço na sociedade. Além de todo esse empenho na quebra das normas que causavam idéias incômodas e excitava a imaginação feminina, emergiu a figura da jovem Alzira Soriano Teixeira, que apoiada pelo governador Juvenal Lamartine disputou as eleições para prefeito pelo Partido Republicano em Lages, interior do Rio Grande do Norte vencendo o pleito com 60% dos votos e se tornando a primeira prefeita eleita na América do Sul.

A indicação do nome de Alzira Soriano para concorrer ao cargo de prefeito teria sido uma sugestão de Bertha Lutz que a conhecera numa reunião de políticos. Apesar de todo o movimento, passeatas, artigos nos jornais, conferências públicas, livros e mais livros editados, foi preciso esperar alguns anos para que, em 1932, o presidente Getúlio Vargas cedesse aos apelos para incorporar ao novo código eleitoral, através Decreto nº

⁴⁴MARIZ, Marlene da Silva. História do Rio grande do Norte -.Contemporâneo (1934-1990), p. 59.

21.076, de fevereiro de 1932, o direito de voto à mulher nas mesmas condições que os homens:

“Art. 109. O alistamento e o voto são obrigatórios para Homens e para mulheres, quando estas exerçam função Pública remunerada, sob as sanções e salvas as exceções Que a lei determinar”⁴⁵

Além instituir o voto feminino e o voto secreto no Código Eleitoral de 1932, o decreto regulamentou o alistamento dos eleitores, e estabeleceu a criação da Justiça Eleitoral e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Partindo dessa conjuntura acerca do pioneirismo de um processo tão significativo para a mulher no Rio Grande do Norte, e abriu espaços para outras conquistas da mulher, de que maneira podemos justificar a lacuna dessa “memória coletiva”?

3.1 DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO

O livro de Madalena foi lançado no ano de 1958 na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e numa iniciativa do seu presidente, o escritor Rodrigues de Melo, inaugurou a coleção “Nísia Floresta”⁴⁶, da biblioteca Euclides da Cunha. Segundo Lúcia Helena vários intelectuais se fizeram presentes no lançamento: Câmara Cascudo, Dinarte Mariz, uma redatora-chefe da revista do Rio de Janeiro, *Da mulher para a mulher* - Maria Thereza que inclusive entrevistou Madalena e o sobrinho Nilo Pereira que fez a saudação de abertura⁴⁷.

Acreditamos que a decisão da publicação do livro esteja associada a muitos fatores além da superação do trauma da perda do pai. As várias mudanças sofridas pela sociedade brasileira e local que culminou na conquista, pelas mulheres, de novos espaços; o apoio de amigos como Câmara Cascudo, Palmyra e Carolina Wanderley e Nilo Pereira. Os encontros com amigos intelectuais foi algo também importante porque na medida em que resolveu publicar suas memórias cercou-se deles com o objetivo de discutir com eles os capítulos do seu livro, se encontrando no meio deles o amigo e escritor Umberto Peregrino. Esses encontros possibilitaram à Madalena a troca de experiência, tanto para a sua produção literária, bem como as que estavam surgindo.

⁴⁵ Retirada da Constituição de 16 de julho de 1934.

⁴⁶ PEREIRA, Nilo. A rosa verde. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1982. p. 166/167.

⁴⁷ Para um maior aprofundamento do discurso ver Revista da Academia Nortriograndense de Letras. Ano VII n. 5, Natal. 1959.

Apesar de praticamente parte da vida envolta num único ideal, quis o destino que ela apenas realizasse aquilo que parecia ser impossível: publicar um livro. No ano seguinte, em 11 de junho de 1959, aos setenta e nove anos morre. Como afirmou Cascudo, a “última, deradeira sobrevivente da aristocracia rural do Ceará – Mirim, morre fidalga e plebéia, irmã das escravas e senhora das amigas que dominava pelo seu espírito.”

Autora de um único livro, Madalena tinha como propósito deixar para sua geração posterior um relato da vida de uma menina de engenho. Ela foi mais além. Sua atitude e coragem fizeram com que um novo olhar fosse direcionado para a cidade de Ceará - Mirim. Muito longe do que se possa imaginar essa pequena grande cidade através das publicações dos seus conterrâneos: Nilo Pereira, Edgar Barbosa, Júlio Senna, Paulo Venturelli, como também das mulheres; Etelvina, Adele de Oliveira, Madalena e Dolores Bezerra Cavalcanti, muito contribuíram para desbravar o conhecimento da história, não somente local, mas também do Rio Grande do Norte. Foram mulheres que como tantas outras, tiveram a coragem de ousar e romper barreiras para atingir um reconhecimento intelectual no meio de tantas transformações. Elas estão lá e assim continuaram, até que um novo fato as traga de volta à história.

*
Muj
@-mirim

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro *Oiteiro* centrada nas memórias de Madalena Antunes tem como fio condutor pensar sobre as várias transformações vividas pela sociedade brasileira, os quais marcararam a vida de uma mulher que trazia dentro de si o estigma de sinhá. O feminismo observado em Madalena raramente torna-se algo crítico. O fato de perceber as diversas formas de preconceitos existentes na época, a forma incessante com que pronuncia a palavra “liberdade”, a ponto de sentir inveja da escrava Tonha, a maneira com que mostra sensibilidade com o sofrimento dos escravos, tudo isso não a faz transformar-se numa feminista. Mencionou que não pretendia publicar sua memórias mas que o fez com o objetivo de deixar registros para sua netas, para que elas pudessem confrontar as duas realidades: a do ontem, à qual pertenceu, e o presente, vivido por cada uma delas. Aí reside o fato de considerarmos seu livro um manual para as mulheres.

Sabemos que o caminho para o resgate da memória não é algo simples. Ao nosso ver, também é um processo de negociação entre o conciliar da memória individual com a memória coletiva. Neste aspecto, Madalena, como já foi mencionado, beneficiou-se dos testemunhos dos outros porque sabia que essas lembranças trazidas até ela eram reconstruídas sobre uma base comum: o engenho e a escravidão. Realidades já bem conhecidas.

Por outro lado, a trajetória pessoal de Madalena ganhou espaço na medida em que viveu entre dois mundos: a vida no interior, no engenho e o período em que passou estudando no Recife. Todo esse processo teria o seu ápice quando materializou o seu desejo publicando suas memórias. Como pequenos garimpeiros, tentamos reconstruir uma memória que foi alicerçada num universo diversificado de marcas, as quais, aos poucos, reascendiam diante de nossas interrogações, criando novas formas e nos possibilitando avançar no conhecimento de um passado que cada vez mais justifica o nosso presente.

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA, Adauto da. **História de Nísia Floresta**. Rio de Janeiro: ed. Pongetti, 1941.

CASTRO, Paulo Venturelle de Paiva. **Dinâmica urbana de Ceará-Mirim RN**. Natal: Ed. do Rio Grande do Norte, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. 1955.

_____. **O livro das velhas figuras**. (pesquisas e lembranças na história do Rio Grande do Norte). Ed. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. 1974.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta – Vida e obra**. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995. 365 p.

_____. **Via Láctea**. De Palmyra e Carolina Wanderley - Natal, 1914-1915. Ed. Fax Similar. Natal – RN: Ed. NAC, CCHLA/NEPAM, Sebo Vermelho. 2003.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Traduzido do original inglês por Waldemar Valente. Recife: Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. 1964.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850-1937**. São Paulo: Ed. Brasiliense

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP. 4 ed. 1996.

MARIZ, Marlene da Silva. **História do Rio grande do Norte**. Contemporâneo (1934-1990). Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001.

MELO, Veríssimo de. **Nilo Pereira – cartas de emoção e de humor**. Natal: Edição da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. 1992.

_____. **Calendário Cultural e Histórico do Rio Grande do Norte**. Natal; Conselho Estadual de Cultura do RN. 1975.

POLAR, Miriam

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. coleção Imperial. 108 p.

MONTENEGRO, Francisco. **Itinerário Sentimental do Ceará Mirim**.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. Cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX. Rio de Janeiro: Ed. Livraria José Olímpio, 1963. 7 ed.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, nº 10, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, {s.d.}

PEREIRA, Maria Madalena Antunes. **Oiteiro** (memórias de uma sinhá moça). Rio de Janeiro: ed. Pongetti, 1958.

PEREIRA, Nilo. **Imagens do Ceará Mirim**. Natal: Fundação José Augusto, 1989.

_____. **A rosa verde**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1982.

PINTO, Lauro. **Natal que eu vi**. Natal. Imprensa Universitária, Out. 1971.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: Ed. Livraria José Olímpio, 1974. coleção Agarama, v. 22, 20 ed.

SIQUEIRA, Minervino W. de. **Crônicas, Contos e Poesias**. Natal, 1968.

WANDERLEY, Paulo C. **Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense**. Rio de Janeiro: Ed. Val Ltda. 1965.